

A formação escolar do escritor Mário Palmério*

*André Azevedo da Fonseca***

Resumo. O artigo estuda os principais traços da formação escolar do escritor, político e educador Mário Palmério (1916-1996), autor de *Vila dos Confins* (1956) e *Chapadão do Bugre* (1965). Por meio de um perfil intelectual e de análise documental em fontes primárias, a pesquisa analisa suas aprendizagens no ambiente familiar e nas instâncias de instrução primária, ginásial, militar e superior. Com isso, realizamos um levantamento das experiências que influenciariam as suas ideias no campo da educação, da política e da literatura. Concluímos que sua relação com a natureza, as ideias regionalistas e nacionalistas e o imaginário sobre a floresta amazônica foram fortemente influenciados pela sua trajetória escolar no período da infância e juventude.

Palavras-chave: Mário Palmério; História da Literatura brasileira; Regionalismo.

Schooling formation of the writer Mário Palmério

Abstract. Current article studies the main events in the schooling of the writer, politician and educator Mário Palmério (1916-1996), author of *Vila dos Confins* (1956) and *Chapadão do Bugre* (1965). Foregrounded on the analysis of primary documents, research concentrated on learning within the home and schooling in the primary, secondary, military and higher schools. A survey has been made on the experiences that influenced his ideas in the educational, political and literary fields. Results show that his relationship with nature, regionalist and nationalist ideas and his imaginary on the Amazon forest were highly affected by his schooling during childhood and adolescence.

Keywords: Mário Palmério; History of Brazilian Literature; Regionalism.

* Artigo recebido em 03/10/2013. Aprovado em 31/03/2014.

** Doutor em História (Unesp). Pós-doutor em Estudos Culturais (PACC/UFRJ). Professor do Centro de Educação, Comunicação e Artes da UEL, Londrina/PR, Brasil. E-mail: andre.azevedo@uel.br

La formación escolar del escritor Mário Palmério

Resumen. El artículo estudia las principales características de la formación escolar del escritor, político y educador Mário Palmério (1916-1996), autor de *Vila dos Confins* (1956) y de *Chapadão do Bugre* (1965). A partir del perfil intelectual y del análisis documental de fuentes primarias, la investigación examina sus aprendizajes en el ambiente familiar y en las instancias de instrucción primaria, secundaria, militar y superior. Así, recogemos las experiencias que influenciaron sus ideas en el campo de la educación, de la política y de la literatura. Concluimos que su relación con la naturaleza, las ideas regionalistas y nacionalistas, como así también el imaginario sobre la selva amazónica fueron fuertemente influenciados por su trayectoria escolar durante su infancia y juventud.

Palabras Clave: Mário Palmério; Historia de la Literatura Brasileña; Regionalismo.

Introdução

Filho do imigrante italiano Francisco Palmério¹ e de Maria da Glória Palmério, Mário Palmério nasceu em 1916 na cidade de Monte Carmelo (MG) e realizou os primeiros estudos em Uberaba (MG). O jovem estudante iniciou a vida de educador quando, na capital paulista, trabalhou como professor de Matemática. Ao voltar a Uberaba, em 1940, fundou o Liceu do Triângulo, uma pequena escola primária localizada no centro da cidade. Contudo, em uma notável trajetória como empresário da educação, Mário Palmério criou, em poucos mais de dez anos, um ginásio secundarista, uma escola de comércio, um colégio com curso Científico e as faculdades de Odontologia (1947), Direito (1951) e Engenharia (1956) – um marco para a história da educação no Oeste de Minas (FONSECA, 2012a).

Em um complexo processo de ascensão social, Mário Palmério firmou o seu prestígio na região e consagrou-se como um verdadeiro mito político,

¹ Sobre Francisco Palmério, ver FONSECA (2011).

elegendo-se deputado federal pelo PTB em 1950. Na Câmara seria vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura (1950-1954). Reeleito em 1954, integrou a Comissão de Orçamento e atuou como um dos responsáveis pela criação da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, que daria origem à Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em Uberaba. Em 1958, o deputado reelegeu-se novamente e, em 1962, foi nomeado Embaixador no Paraguai, cargo que ocupou até 1964.

Apesar da riqueza dessas experiências, Palmério celebrou-se nacionalmente por um romance que entusiasmou uma geração de leitores: trata-se de *Vila dos Confins*. Publicado em 1956, a obra trouxe relevante contribuição à literatura brasileira. A autenticidade no uso do vocabulário sertanejo na descrição geográfica e a intimidade com o cotidiano do homem interiorano se entrelaçaram em um testemunho legítimo das violências políticas e partidárias nos currais eleitorais. Além do valor literário, estudiosos apontam a relevância histórica dessa obra. Thomas Skidmore (1979, p. 402) chega a defender que uma das melhores maneiras de compreender a atmosfera do coronelismo no Brasil é através de romances de escritores que nasceram e pensaram no interior. “Um dos conhecidos relatos ficcionais de um coronel é a novela de Mário Palmério, *Vila dos Confins*”, escreveu o brasilianista. Mário Palmério lançaria ainda, em 1965, o romance *Chapadão do Bugre*, inspirado em uma chacina ocorrida no começo do século XX, na cidade de Passos (MG). A descrição linguística e o relato dos costumes regionais mais uma vez foram muito bem recebidos. Em 1968, ele foi eleito para a vaga de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras.

No início dos anos 1970, Palmério criou as Faculdades Integradas de Uberaba (Fiube). Mas em busca de uma nova experiência literária, em 1978, o escritor empreendeu uma viagem mítica de nove anos à Amazônia. Em 1987, voltou a Uberaba, reassumiu a direção da Fiube e acompanhou o processo de

transformação de sua faculdade em Universidade de Uberaba, onde foi reitor até a sua morte, em 1996.

Com tudo isso, notamos que o estudo sobre a formação intelectual de um personagem com essas características oferece elementos interessantes, no campo da história cultural, para contribuir nas pesquisas sobre a história da educação, a história da literatura brasileira e a história das ideias políticas.

A vida pré-escolar

Mário Palmério cresceu em um ambiente familiar repleto de livros e de conversas sobre política e cultura. Seu pai, o imigrante italiano Francisco Palmério, era um homem instruído que, no começo do século XX, desfrutou de considerável prestígio na região do Triângulo Mineiro. Francisco trabalhou como engenheiro, agrimensor, professor de matemática, advogado e jornalista em diversas cidades mineiras, chegando a envolver-se intensamente com a política na cidade de Sacramento (MG). Com a esposa Maria da Glória teve sete filhos. Mário foi o caçula, nascido em março de 1916, na cidade de Monte Carmelo (MG).

“Meu pai lia muito. Meu irmão mais velho, médico, lia muito também, bem como meus outros irmãos mais velhos. Tive a felicidade de nascer nessa casa, o que me proporcionou – apesar de eu não ser muito agarrado a livros – excelentes leituras”. Entre os seus primeiros livros, uma obra lhe instigou um fascínio imediato: *Odisseia*, de Homero. “Nenhuma leitura me surpreendeu e prendeu tanto como as maravilhosas aventuras do astucioso e valente Ulisses, nos seus vinte anos de peregrinação por todos os mares até então conhecidos, matando Ciclopes e varando tempestades, de volta da magnífica epopeia de Troia” (QUINTELA, 1970). A influência dessa atmosfera familiar próxima aos livros é notada também na trajetória de Eduardo Palmério, um dos irmãos mais

velhos, que se tornaria um cronista popular na imprensa paulistana (FONSECA, 2012b).

Entretanto, do que o garoto Mário gostava mesmo era de vagabundear pelos quintais dos amigos da família, como a Chácara das Mangueiras, de Alexandre Barbosa, que fascinava o pequeno Mário por causa da criação de abelhas e, principalmente, pelo fabuloso pomar de mangas que, como diziam, haviam sido trazidas “em semente, na bagagem dos uberabenses que andaram pelas índias em busca do gado zebu” (PALMÉRIO, 1986a, p. 5).

Mário não teve uma convivência íntima com o pai, pois a família morava em Uberaba, enquanto Francisco ganhava a vida pela região. Por isso, a principal referência disciplinar na sua infância foram os irmãos mais velhos e a mãe. Um depoimento de uma antiga amiga da família, dirigido ao próprio Mário, recupera as memórias da disciplina materna:

Pessoa muito enérgica: quando o senhor, que era um encapetado, a desobedecia ou praticava alguma arte mais grave... o senhor se lembra?... a dona Glorinha botava o senhor de camisola, prendendo-o assim em casa, sem que o senhor tivesse jeito de sair pra rua de tamanha vergonha (PALMÉRIO, 1986c, p. 5)

A mãe de Mário, filha de portugueses, era devota de Nossa Senhora da Abadia e sempre levava o caçula para acompanhá-la às missas. “Saíamos, os dois, a pé, de nossa casa na rua Grande (hoje, Vigário Silva) sempre a tempo de chegar à praça da Abadia sem atraso, de madrugada ainda escura”. Mas é claro que, para o garoto, a volta era ainda mais interessante, pois Dona Glória aproveitava a oportunidade para visitar os amigos, que tinham jardins e pomares que sempre o impressionavam (PALMÉRIO, 1986f, p. 5).

Naquela cidade semirrural, Mário vivenciou uma infância mais campestre do que propriamente citadina. A imagem que guardaria na lembrança evidencia o ambiente dessas primeiras vivências:

Ouço os carros-de-boi, rangentes em sua penosa e pesada travessia pelas ruas enlameadas; vejo os córregos a correr por entre o matagal que os acompanhava, lado e lado, mesmo na parte mais central da cidade, posso descrever, tal como eram, os cortes abertos nos barrancos de pedra-sabão pelas ladeiras nascidas da expansão da cidade rumos às suas colinas... Becos infectos, pinguelas precaríssimas, ruas tortas e estreitas, capim e lama por toda a parte (PALMÉRIO, 1987b, p. 5).

Em uma localidade cuja economia, com exceção da pecuária, ainda combinava um tímido comércio interno com uma cultura de subsistência, boa parte dos gêneros alimentícios de consumo diário era produzida nos próprios quintais. A farinha de mandioca, plantada na vizinhança de currais ou de chiqueiros, era lavada em regos d'água na porta da cozinha, ralada “à mão de moça” e servida “na forma daqueles leves, estralejantezinhos beijus, que se desmanchavam na boca...” (PALMÉRIO, 1986b, p. 5). O ovo era colhido de “galinhas comuns, sem raça definida, criadas à solta, quase que puramente à lei da natureza, nos quintais caseiros” (PALMÉRIO, 1986d, p. 5). Por toda essa convivência com pomares, hortas e criações, Mário dizia que havia nascido um fazendeiro sem terra. “Meu pai foi Juiz de Direito, nunca teve um palmo de chão. Minha mãe também não tem nenhuma origem fazendeira. Mas eu nasci com essa paixão pelo sertão” (GODOY, 1972, p. 1).

Esse espírito fez com que o rapazote começasse a se embrenhar pelas matas e rios para pequenas caçadas e para pescarias. Com o tempo, Palmério fez da pesca o seu principal hobby. “Sempre fui mais pescador do que caçador. (...) Nunca fui caçador de perdiz, nem de codorna, nem de ave. Gosto mesmo é do girau, cigarrinho no canto da boca, cachaça, o bate-papo em surdina” (QUINTELA, 1970, s/n), diria mais tarde.

O Ginásio Diocesano

O ensino secundário de Mário Palmério efetuou-se em duas instituições de orientação católica, ambas localizadas no Triângulo Mineiro. Em

1929 ele iniciou os estudos no Ginásio Diocesano de Uberaba, onde permaneceu até 1931. No ano seguinte, cursou a quarta série no Ginásio Regina Pacis, em Araguari; porém, em 1933 retornou ao Diocesano para concluir os estudos do segundo ciclo.

O Externato Diocesano foi fundado, em 1899, por Dom Eduardo Duarte Silva, bispo de Goiás que havia se transferido para Uberaba pelas disputas políticas travadas na capital (MENDONÇA, 1974, p. 140). A notável reputação que esse ginásio viria a obter em um vasto conjunto de municípios do interior deveu-se à direção dos irmãos Maristas, que passaram a administrá-lo no final de 1902 (COUTINHO, 2000).

Os Irmãos Maristas são uma congregação religiosa de origem francesa, fundada em meados do século XIX. Esse grupo conquistou popularidade por uma prática de evangelização empreendida por meio de uma pedagogia intuitiva, de inspiração humanista, que procurava articular instâncias civis e religiosas na formação escolar (SILVA; GATTI JR., 2003). No final do século XIX, a França impunha progressivas restrições ao ensino religioso, até que um decreto de 1903 extinguiu as escolas confessionais do país. Essas circunstâncias provocaram o verdadeiro êxodo daqueles padres educadores. Foi nesse contexto que o Ginásio Diocesano de Uberaba passou a ser dirigido por uma missão Marista.

Naquele início de século XX, as discussões sobre a educação no Brasil eram caracterizadas pelos enfrentamentos entre o ensino de teor religioso e as propostas de escola laica dos liberais republicanos. Como observaram Silva e Gatti Júnior (2003), a inteligente estratégia dos Maristas perante essa controvérsia foi alinhar-se firmemente aos currículos estabelecidos pela legislação, direcionando-os, todavia, a uma inclinação cristã. Para os Maristas, em uma espécie de “teologização pedagógica”, educar era “uma obra de amor” e deveria, tal como em uma família, formar “bons cristãos e virtuosos cidadãos”. Nas palavras de Champagnat, instruir o jovem era fazer dele um “homem completo”:

Por isso, para ele, educar é, prioritariamente, iluminar a inteligência, formar a consciência, o coração, o juízo, a vontade, tornar o homem apto a viver em sociedade, com ânimo aberto e capacidade de doar-se aos outros; desenvolver as boas disposições e corrigir as tendências negativas; inspirar o amor ao trabalho, robustecer e adestrar o corpo (COUTINHO, 2000, p. 28).

Esses princípios educacionais adequaram-se imediatamente ao universo de valores e às aspirações das elites regionais. Deste modo, essa escola que prometia aliar o exercício da fé católica à aprendizagem dos deveres da civilidade conquistou numerosas famílias que já se preocupavam em oferecer aos herdeiros a instrução capaz de lhes garantir projeção social. Além disso, o severo espírito disciplinar, encarado pelos padres como uma dimensão quase sagrada de suas práticas pedagógicas, também agradava tanto à cultura tradicionalista das velhas linhagens familiares quanto às necessidades das novas elites. Por tudo isso, no final do primeiro ano de funcionamento o Ginásio Marista já contava com quase 150 alunos, oriundos de Minas, Goiás, Mato Grosso e São Paulo (COUTINHO, 2000, p. 46).

Tendo em vista que os filhos das famílias proeminentes eram tradicionalmente matriculados no Diocesano, aos poucos foi se firmando a ideia de que desta instituição sairia a totalidade das futuras elites dirigentes da região. Um relato de um ex-aluno indica o fascínio que a marca da escola alcançaria no imaginário local:

Dos antigos alunos, há, hoje, 4 Generais do exército e muitos outros oficiais de alta patente; formaram-se mais de 200 Médicos, outros tantos Advogados, muitos Farmacêuticos, Dentistas, Contadores, Engenheiros. Na política e administração pública, um é Senador, 2 foram Secretários de Estado, 8 Prefeitos de Uberaba, 6 Deputados Federais e Estaduais em Minas Gerais, outros em Goiás, uma infinidade de Vereadores. Na Magistratura, dois Juizes de Direito de Uberaba, vários Juizes Municipais e Promotores Públicos. Vários Sacerdotes e 5 Irmãos Maristas (O DIOCESANO..., 1953, p. 8. apud COUTINHO, 2000, p. 136).

Pois bem. Francisco Palmério, católico de ideais republicanos, já conhecia o renome dos Maristas. Ainda, em 1911, quando trabalhava nas obras da Exposição Agropecuária em Uberaba, o italiano afirmaria que o Ginásio Diocesano era: “um estabelecimento de primeira ordem (...) onde a alegria do ambiente, a ordem e o asseio ali imperam”. Palmério se entusiasmava com “a perfeição com que sabem educar e instruir os Reverendíssimos Irmãos Maristas”, tendo em vista o grande número de ex-alunos que se destacavam “nas academias e estabelecimentos de nível superior” em todo o país (COUTINHO, 2000, p. 83).

Deste modo, o filho mais velho, Francisco de Paulo, foi matriculado no Diocesano e colou grau de Bacharel em Ciências e Letras em 1912 (ANAIS, 1912-1917). Como o italiano ainda viria a residir em diversas cidades da região, os filhos tiveram que estudar em outras escolas. Somente a partir de 1916, depois do nascimento de Mário, é que a família fixaria residência em Uberaba. Foi nessa cidade, portanto, que o caçula seria apresentado à instrução formal.

Naquele tempo, era comum que pais com alguma condição financeira preferissem contratar professoras particulares para ensinar as primeiras letras aos filhos, em vez de matriculá-los no ensino primário. Às vezes essas mulheres atendiam três ou quatro garotos em suas próprias casas, fazendo da varanda uma pequena sala de aula improvisada. Mário Palmério foi alfabetizado nesse sistema através dos serviços de “Dona Mariquinha Mestra” (PALMÉRIO, 1986e, p. 5) e contou com a ajuda – e, sobretudo, com a vigilância – de seus irmãos.²

Em novembro de 1926, Mário Palmério, então com dez anos de idade, prestou os exames de admissão ao primeiro ano do curso secundário do

² Certa vez Mário Palmério declarou que fizera “todo” seu curso primário e ginásial no Diocesano (UBERABA conta com mais uma modelar casa de ensino. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 9 maio 1940. p. 2.); no entanto, a documentação do arquivo do colégio indica apenas os seus estudos secundários.

Diocesano (1ª ACTAS, 1925-1943, p. 2). O garoto compareceu aos exames, mas, por algum motivo tirou zero em todas as provas. Porém, em abril do ano seguinte Mário prestou os exames de segunda época e, dessa vez, tirou grau 8. Por razões que ainda desconhecemos, ele iniciou os estudos apenas em 1929, ano em que completaria 13 anos de idade.

Mário foi um bom aluno no seu primeiro ano escolar. Em 1929, concluiu a primeira série do primeiro ciclo com a nota global de 7,6 – uma média admirável para aquele colégio tão exigente. Nesse ano, ele tirou 7,0 em Português; 10 em Francês; 7,0 em Matemática; 8,0 em Geografia Geral e 6,0 em Desenho (FICHA, s/d). Como não era aluno interno, Palmério pode aproveitar a vida na cidade com desenvoltura. Ele tinha até mesmo uma carteirinha do Cine Alhambra, que lhe conferia 50% de desconto no ingresso para assistir às matinês (CINE, 1929).

Entretanto, nos anos seguintes seu desempenho não foi brilhante, ainda que suficiente para passar de ano, de acordo com o regulamento da época.³ A sua nota global da segunda série do primeiro ciclo foi de 4,6 – sendo 6,0 em Português; 5,0 em Latim; 6,0 em Francês; 5,0 em Inglês; 5,0 em Matemática; 5,5 em Geografia Geral e 6,0 em Desenho.⁴ E na terceira série, concluída em 1931, Mário obteve nota global de 5,67. O desempenho nas disciplinas nessa ocasião foi 6,0 em Português; 4,5 em Latim; 4,75 em Francês; 4,75 em Inglês; 6,75 em Matemática; 6,75 em História Geral e 7,5 em Desenho.

Essa pontuação não desabona a inteligência do jovem Mário. Se considerarmos o desempenho dos colegas de Mário Palmério, em 1931, veremos igualmente que ele estava um pouco acima da média, pois o seu rendimento alcançara 5,67 e o nível geral da turma era de 5,3. As duas melhores

³ Segundo Coutinho (2000, p. 112), os exames de 1932 exigiam o mínimo de 30 pontos por matéria e 40 pontos de nota global para aprovação.

⁴ Apesar de não corresponder à média matemática das notas das disciplinas, esta é a pontuação registrada no boletim.

notas daquela terceira série foram as dos colegas Nilo Medina Coeli, com 8,28; e Walter Campos de Carvalho, que obtivera 7,75. É interessante notar que Campos de Carvalho também se tornaria um dos escritores brasileiros mais festejados pela crítica nos anos 1950. A novela *A lua vem da Ásia* (1956), uma de suas obras mais originais, foi publicada no mesmo ano de *Vila dos Confins*, do colega Mário Palmério.

A rígida disciplina Marista daqueles anos 1930 contava com reuniões regulamentares, após a missa dominical, para a entrega dos boletins da semana. O mestre de cerimônias desses encontros, conta Mário Palmério, era o “terrível” Irmão Serapião, um padre que não escondia o seu prazer em espinafrear os malcomportados. “Ah, as perversas ironias do temido distribuidor dos cartões de comportamento, regência e aplicação. Livrar-se delas (...) era o máximo dos máximos prêmios das nossas manhãs de domingo!” (PALMÉRIO, 1987a, p. 5).

Desde meados da década de 1920 diferentes grupos católicos passaram a criar novas escolas religiosas no interior do Brasil. Em 1926, os padres dos Sagrados Corações fundaram o Ginásio Regina Pacis, em Araguari, no Triângulo Mineiro (GINÁSIO, 1941a, p. 31). Segundo Coutinho, na década de 1930, os diretores dessa instituição procuravam pessoalmente as famílias de muitos alunos internos do Diocesano para oferecer os seus serviços (COUTINHO, 2000, p. 113). É muito provável que a escola recém-fundada fosse mais acessível economicamente do que o tradicional Diocesano. Em anos posteriores, os anúncios do colégio garantiam: “Regina Pacis é o único ginásio que não precisa dar desconto a ninguém, pelo motivo de conceder a todos, devido a seus preços moderados” (GINASIO, 1941b, p. 3). Não pudemos, contudo, identificar as motivações que levaram Francisco Palmério a retirar o filho do ginásio Marista, mas o fato é que, em 1932, Mário cursou a quarta série do segundo ciclo no Ginásio

Regina Pacis, em Araguari. Nessa escola, seu rendimento aumentou consideravelmente, não se sabe se pela maior dedicação aos estudos, tendo em vista que neste ano ele viveu em outra cidade, longe da família e dos amigos; ou por causa de uma eventual redução do nível de exigência da escola de Araguari em relação ao Diocesano. Seja qual for o motivo, o fato é que sua nota global da quarta série do segundo ciclo foi 76 – sendo 70 em Português; 80 em Latim; 60 em Francês; 60 em Matemática; 60 em Física; 90 em Química; 90 em História Natural; e 80 em Desenho (FICHA, s/d).

Enfim, em 1933, ano em que completaria 17 anos, Mário voltou a Uberaba e retornou ao Diocesano. Seu desempenho sofreu uma queda expressiva. A pontuação global da quinta série do segundo ciclo alcançou 54; sendo 68 em Matemática; 54 em Latim; 49 em Física; 40 em Química; 56 em História Natural; 81 em História do Brasil; 43 em Geografia Geral; e 45 em Filosofia. Devemos assinalar o bom desempenho em Matemática e, sobretudo, em História do Brasil em relação às outras matérias.

Não há indícios que indiquem um envolvimento fervoroso de Mário nas atividades religiosas da escola Marista. Em 1930, por exemplo, ele sequer participou da Congregação Mariana – um centro de ação religiosa e social criado para estabelecer vínculos permanentes entre os alunos e a escola – ao contrário de alguns colegas de classe (HISTÓRICO, s/d). Ou seja, o fato de ter estudado em um colégio religioso não significa, necessariamente, a garantia de uma devoção incondicional aos princípios professados naquela instituição. O próprio amigo e colega de classe, Walter Campos de Carvalho, um dos mais aplicados alunos do colégio Marista da época, se tornaria um notório ateu de tendências anárquicas (ARANTES, 2005, p. 24). Mário Palmério, todavia, não seria tão radical quanto o amigo. “Eu sou católico, apesar de não ser muito obediente às normas da Igreja”, resumia (QUINTELA, 1970).

Mário concluiu os estudos secundários em 1933, aos 17 anos de idade. Ele não prestou o serviço militar obrigatório. Uma certidão emitida pela Quarta Região Militar e Quarta Divisão de Infantaria registra que ele foi excluído, com aproveitamento, da Escola de Instrução Militar n. 116, de Uberaba, em dezembro de 1933 (CERTIDÃO, 1968). Contudo, o pai já tinha em mente o destino que imaginava para o caçula: Mário deveria ser cadete em Realengo, no Rio de Janeiro.

É muito provável que o jovem Mário tivesse consciência do que estava por vir: eram célebres os níveis de rigor disciplinar e, sobretudo, de exigência física dos extenuantes exercícios de guerra. Dizia-se que até mesmo alunos oriundos de escolas militares sentiam dificuldade para adaptar-se à dureza dos treinamentos “frequentemente desumanos”, no dizer de um ex-cadete. O próprio Castelo Branco, um antigo aluno de Realengo, certa vez acabou na enfermaria pelos esforços na pista de obstáculos (TAVORA, 1973, p. 86). No entanto, desde finais do século XIX, as escolas militares não serviam apenas ao treinamento dos futuros oficiais, mas eram também muito importantes para os projetos de ascensão social das camadas médias. Deste modo, muitos jovens buscavam o Exército não por causa de um pretensão patriótico, senão pela conveniência de alcançar os estudos superiores (CARVALHO, 1989. p. 38). E foi assim que esse jovem interiorano, que nos últimos anos passava a maior parte de seu tempo nas pescarias, acabou se transferindo para o Rio de Janeiro para realizar seus estudos superiores naquela rigorosa escola militar.

Escola Militar de Realengo

Mário Palmério ingressou como cadete efetivo na Escola Militar do Realengo no dia 25 abril de 1935, aos 19 anos de idade. No entanto, sua permanência foi inesperadamente breve: uma certidão emitida posteriormente

pela Academia Militar das Agulhas Negras resume seu histórico escolar da seguinte maneira:

A vinte e dois de maio foi público ter baixado ao Hospital Central do Exército. A dois de julho foi público ter tido alta do Hospital Central do Exército. A doze de julho foi público ter faltado ao exame do dia dez. A dezesete de julho foi público ter faltado ao exame do dia 15 (Sociologia). A vinte e três de julho foi público ter faltado ao exame de habilitação de analítica. Ainda em vinte e três de julho, em face do que estabelece o Artigo cinquenta e sete e seus parágrafos, do Regulamento de mil novecentos e trinta e quatro, foi desligado da Escola e excluído do Corpo de Cadetes, por ter completado trinta pontos – perdidos por motivo de moléstia. O seu tempo computado naquele Estabelecimento é de zero ano, dois meses e vinte e nove dias (CERTIDÃO, 1974).

Ou seja, um mês depois de ingressar na escola, Palmério foi hospitalizado pela moléstia não identificada. Ele permaneceu sob cuidados médicos por seis semanas, de 22 de abril a 2 de julho. Por tudo isso, faltou aos exames subseqüentes e foi compulsoriamente excluído. No total, como visto, foram três meses de experiência em Realengo; mas na prática, sua rotina como cadete não passou de seis ou sete semanas.

Porém, se o contato com o currículo oficial foi inexpressivo, Palmério não deixou de sofrer o impacto do espírito da corporação, ou da identidade que unia os aspirantes, manifestados em uma espécie de “currículo oculto” do ensino militar. Quando Mário Palmério chegou a Realengo, a escola acabara de passar por uma ampla reforma idealizada pelo coronel José Pessoa – um ativo participante da Revolução de 30 – que a dirigira entre 1931 e 1934. Além das transformações na estrutura física, Pessoa havia empreendido uma profunda reestruturação disciplinar, instituindo o Corpo de Cadetes e procurando valorizar o status dessa designação. Nesse contexto, uma nova rotina detalhada e um rígido enquadramento militar foram estabelecidos para organizar todos os aspectos da vida cotidiana daqueles internos. Contudo, para o coronel, o principal controle deveria ser a criação de um “novo estado psicológico” que

tornaria cada cadete “escravo de sua dignidade pessoal” e “prisioneiro de si mesmo” (CASTRO, 1994).

Para atingir a alma e o coração dos jovens candidatos ao oficialato, José Pessoa determinou a criação de um conjunto de símbolos para inspirar e expressar o sentimento de pertença dos cadetes a uma suposta tradição ligada aos mais profundos valores da nacionalidade. Deste modo, em um nítido processo de “invenção das tradições”, foram criados diversos símbolos para inspirar um espírito heroico na corporação. Certamente, o símbolo mais importante da iniciação dos cadetes era o “espadim”, uma réplica em miniatura da espada de Duque de Caxias, que os alunos recebiam assim que ingressavam na escola, mantinham consigo no decorrer do curso e entregavam a um calouro por ocasião da formatura. A base para a confecção dessa peça foi a própria arma original, encontrada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Para Castro, através desse símbolo, o coronel José Pessoa pretendia cultivar “o pilar que sustentou o Império”, “o maior general sulamericano”, o “invicto soldado”, “aquele que melhor serviu à pátria e mais a estremeceu”. Por isso, a imagem de Caxias deveria “pairar no seio dos cadetes do Brasil”; tal como Napoleão, entre os franceses, e George Washington, entre os estadunidenses. Os primeiros espadins foram entregues à turma de 1932, em uma solenidade realizada precisamente em frente à estátua do patrono do Exército, no centro da capital. Ao recebê-las, os cadetes deveriam pronunciar o seguinte juramento: “Recebo o sabre de Caxias como o próprio símbolo da honra militar” (CASTRO, 1994, p. 6).

Um dos momentos mais importantes dessa socialização era o “trote” dos veteranos sobre os calouros – circunstância integralmente vivenciada por Mário Palmério na sua passagem pela escola. Svartman (2006, p. 82) verificou que, nos depoimentos e memórias dos militares, essa experiência costuma ser uma das etapas mais lembradas quando se trata de recuperar os momentos

marcantes da transição da vida civil para a vida militar. Nessas ocasiões, os calouros eram basicamente submetidos a diversas situações humilhantes, das quais deveriam se resignar. A intensidade do trote representava uma espécie de transição “violenta e súbita” para a vida militar. “Além do famigerado trote, abnegação e capacidade para suportar situações extenuantes parece que se tornariam desde então quesitos para iniciar uma carreira militar” (SVARTMAN, 2006, p. 83).

Mas, Mário Palmério não “aguentou a barra” de Realengo, como ele mesmo confessaria mais tarde. “Deixei a escola, tive uma espécie de torção de pé, durante exercícios e... talvez por causa do clima do Realengo, não sei bem, fiquei com um reumatismo brutal durante três ou quatro anos. Fiquei mancando muito tempo” (QUINTELLA, 1970). É preciso assinalar que outras versões que correm pela família sugerem que, na verdade, Palmério contraíra uma doença nas noites cariocas. Esta versão se encaixa com o termo “moléstia” na declaração da escola que, por sua vez, não se refere a qualquer torção ou fratura.

As experiências de trabalho e a faculdade

No segundo semestre de 1935, após a exclusão da Escola Militar, Mário Palmério, aos 19 anos, decidiu tentar a vida na capital paulista. Durante um período, ele chegou a morar em um pequeno quarto de pensão, dividindo o espaço com ex-colega do Ginásio Diocesano, Walter Campos de Carvalho. Referindo-se a Mário Palmério, Campos de Carvalho, certa vez expressou uma opinião a respeito da “força de sua inteligência” e das “artimanhas de que era capaz seu espírito sempre insatisfeito e lúcido”. Segundo o companheiro, Palmério chegou a escrever “alguns contos picarescos”, naquele quarto de pensão da “suspeitíssima Rua Aurora” (CARVALHO, 1956. p. 6); mas esses textos se perderam e jamais seriam publicados. O próprio Mário Palmério não

daria valor a essa produção. “Antes de ‘Vila’ eu não havia escrito nada, considerando esse nada como trabalho literário. Talvez algum versozinho do tempo de rapazote, nada importante” (CAIXETA, 1970, p. 1).

No final de 1936, a filial paulistana do Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais precisou de um escriturário em seu quadro de funcionários. Não sabemos se Mário Palmério obteve a vaga por influência do pai ou se por méritos próprios, mas o fato é que em novembro de 1936 ele foi admitido e, pela primeira vez na vida, passou a exercer um trabalho regular. No entanto, ele não seria um empregado muito assíduo: foram computados 20 dias de falta em um ano e um mês de atividades – algumas por doença, outras por motivos particulares (ATESTADO, 1968). Imaginamos que aquele espírito insatisfeito, tal como sugerido por Campos de Carvalho, não se acomodava a um serviço tão enfadonho como o de escriturário. E não é improvável que ele já estivesse se sentindo frustrado com a falta de perspectivas daquela profissão subalterna. Por tudo isso, Palmério pediu sua exoneração em 21 de dezembro de 1937. Ainda assim, o serviço proporcionou uma experiência sistemática com a rotina burocrática e administrativa de uma instituição – práticas que seriam muito valiosas nos seus futuros empreendimentos escolares.

Naquele tempo, muitos de sua geração ainda comentavam a bem sucedida criação da Faculdade de Filosofia de São Paulo (FFCL), em 1934. Esta iniciativa foi pioneira no Brasil no estabelecimento de cursos específicos voltados à formação de professores secundários – ainda que os fundadores tenham instituído uma nítida separação entre os cursos de bacharelado e de licenciatura. “Os bacharéis que se graduavam na FFCL poderiam receber licença para o magistério secundário somente após terem concluído o bacharelado em qualquer das seções e haverem completado o curso de formação pedagógica no Instituto de Educação”, explica Silva, notando, porém, que os próprios professores desvalorizavam o estudo da didática por

entenderem que a melhor regra para um bom docente é conhecer bem a matéria (SILVA, 2000).

Mário Palmério ficou mais uma vez entusiasmado com a possibilidade de cursar o ensino superior – sobretudo em uma área em que já tivera alguma experiência – e decidiu preparar-se para o concurso de admissão. Consta-se que o exame geral não era fácil: entre as etapas havia inclusive um exame oral de 1h30min de duração. Porém, Palmério foi bem sucedido, passou nas provas e, em 1939, matriculou-se na subseção de Ciências Matemáticas.

A seção de Matemática da FFCL foi constituída principalmente por meio de professores italianos liderados por Luigi Fantappiè (1901-1956), um jovem cientista já reconhecido internacionalmente. Contudo, Fantappiè ministrou Análise Matemática para todas as séries até 1939, quando deixou São Paulo para assumir um posto de catedrático na Universidade de Roma. Um dos professores que provavelmente lecionou a Mário Palmério foi Giacomo Albanese, um pesquisador de Geometria Algébrica que se preocupava também com as questões do ensino de Matemática. Ele defendia, por exemplo, que nos primeiros contatos dos alunos com a disciplina era interessante exercitar, sobretudo a intuição, deixando as operações dedutivas para as etapas posteriores de aprendizagem.

O fato é que as ideias desses matemáticos italianos influenciariam uma geração inteira de cientistas e professores formados naquela instituição. Circe Mary Silva (2000) sintetizou o ideário que insuflou desses professores:

Albanese via a Geometria como um modelo de ciência racional, capaz de desenvolver o gosto estético, desenvolver a intuição e a capacidade especulativa, sendo assim o orgulho do pensamento humano. Previa, para esse nível, um ensino mais intuitivo e menos preso a árduos teoremas. Recomendava enfaticamente o uso de materiais concretos que auxiliassem a visualização espacial, sugerindo para esse fim a criação de laboratórios nas faculdades. Por sua vez Fantappiè criticava os programas muito carregados de conteúdos, sugerindo a diminuição da quantidade de regras e teoremas. Considerava nefasta a prática da

memorização de regras e fórmulas e sugeria que se possibilitasse ao aluno estabelecer uma conexão entre as partes do conhecimento matemático, pois só assim ele poderia alcançar novas aquisições e teria o espírito preparado para a descoberta de novos fatos (SILVA, 2000, p. 8).

O relacionamento dos italianos com os alunos era muito aberto e nem mesmo a língua trazia problemas: segundo o relato de um ex-aluno, os professores falavam em italiano, os alunos em português, e todos se entendiam. O espírito científico de Fantappiè e Albanese aboliu as antigas aulas expositivas e sem diálogo dos velhos professores sem formação acadêmica e instituiu os seminários em sala, onde a contestação e a crítica faziam parte da formação do conhecimento. Essa dinâmica disseminou uma nova forma de ensino que permitia aos alunos vivenciarem a matemática como uma ciência viva, inacabada e em constante transformação. Ainda assim, permanecia implícita a crença de que o professor, tal como o artista, tinha um dom inato e não precisava de formação específica. “Nessa concepção, ou o professor tem talento para o ensino e é um bom professor a vida toda ou não é talentoso e deve se resignar a ser um mau professor” (SILVA, 2000, p. 13).

Aparentemente, Mário Palmério foi um bom aluno e chegou a se destacar já nos primeiros meses. Em maio de 1939, ele acabou sendo nomeado professor interino da 12ª Cadeira do Colégio Universitário, anexo à Escola Politécnica, ligada à Universidade de São Paulo (ESTADO DE SÃO PAULO, 1939, p. 10). As disciplinas dessa cadeira eram *Complementos de Matemática Elementar*, *Álgebra Superior* e *Elementos de Geometria Analítica, Plana e no Espaço*. É muito provável também que nessa escola Palmério tenha exercitado a prática de ensino mais aberta e intuitiva, tal como aprendia na faculdade.

Contudo, naquela época, a cidade de Uberaba, onde havia se radicado a sua família, acelerava o seu processo de urbanização. A imprensa publicava relatos entusiasmados das possibilidades da cidade, o gado alcançava preços fabulosos e um surto de construções parecia confirmar os melhores

prognósticos para o desenvolvimento local. Mário Palmério se convenceu que as potencialidades celebradas pela retórica dos uberabenses poderiam oferecer oportunidades inigualáveis para um ambicioso professor. Assim, em dezembro de 1939, aos 23 anos, o jovem Mário abandonou a faculdade, pediu exoneração do colégio e voltou à pacata Uberaba. Chegando à cidade, cheio daquela petulância típica dos jovens interioranos que passam uma temporada nas capitais, Mário aprenderia rapidamente e manejaria com desenvoltura as regras do circuito de sociabilidade das elites locais.

Conclusões

Ao esboçar a trajetória da formação intelectual do jovem Mário Palmério, notamos que sua personalidade foi influenciada pelo contato precoce com livros e com o ambiente de diálogo familiar. O talento na descrição literária da geografia regional, tal como expresso em suas obras publicadas a partir de 1956, encontra ressonância em suas vivências infantis em contato com jardins, pomares e a vegetação sertaneja da região do Triângulo Mineiro. Possivelmente, o interesse de Mário Palmério pela Amazônia, estimulado no período em que estudou na escola militar, também tenha sido despertado por essas experiências.

Além disso, a intimidade com a questão geográfica sugere a influência do pai, que, no ofício de engenheiro e agrimensor, trabalhando em várias cidades do cerrado mineiro, obteve largo conhecimento prático sobre a geografia regional e certamente compartilhava esse vocabulário com os filhos. A discussão geopolítica marcou sua trajetória parlamentar, fundada precisamente nas discussões sobre a emancipação do Triângulo Mineiro no contexto dos debates sobre divisão territorial (FONSECA, 2012).

As disciplinas autoritárias da mãe, do ginásio e da escola militar foram experiências recorrentes em sua formação. Mas apesar do conservadorismo dos

conteúdos escolares nesse período, ao cursar Matemática Palmério também experimentou pedagogias que se calcavam na intuição, no talento especulativo, na descoberta por meio da experiência e na intimidade afetiva no relacionamento entre professor e aluno – características importantes para a formação de uma mentalidade criativa. Ao observar sua obra literária, não é difícil notar o raciocínio matemático empregado na construção de suas frases repletas de travessões, dois pontos e pontos e vírgulas, sugerindo um encadeamento de ideias análogo à lógica de uma equação.

A meritocracia e a instrumentalização do ensino para fins de ascensão social também estiveram muito presentes em sua trajetória de estudos. Contudo, em seu espírito criativo e inconstante, a formação religiosa não o tornou um devoto, assim como a militar não o fez soldado, ou a acadêmica tampouco despertou seu interesse na pesquisa científica. Para esse professor de Matemática que acabou se tornando empresário da educação, político e escritor regionalista, a formação intelectual se deu como aluno regular na escola, mas também nos pomares, nas pescarias, no trote da escola militar, nas experiências de trabalho e no próprio exercício empírico da docência, da política e da escrita.

Fontes primárias (Memorial Mário Palmério/Uniube)

1ª ACTAS dos exames de admissão à 1ª série 4º ano do Curso Primário. 1925 a 1943. Ata. Manuscrito.

ANAIS do Colégio Diocesano de Uberaba: 1902-1917. Anais. Manuscrito.

ATESTADO. Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais S/A. Roberto da Silveira Pinto; Luiz Roberto Lemes. Belo Horizonte. 20 jun. 1968. Atestado. Fotocópia.

CERTIDÃO de tempo de serviço militar n. 4371 STG/4ª. Ministério da Guerra. I Exército. 4ª RM e Da DI. Quartel General Regional. Juiz de Fora – Minas. Yvan Lassange de Oliveira – Major, Chefe da SEC TG/4ª. 12 ago. 1968. Certidão. Fotocópia.

CERTIDÃO. Ministério do Exército, DEP-DFA Academia Militar das Agulhas Negras. Manoel Patrício Barroso: Cap. Secretário da Aj G/AMAN. 4 jun. 1974. Certidão. Fotocópia.

CINE Alhambra: cartão de identidade do estudante Mário Palmério. 1929. Carteirinha. Datilografado.

ESTADO DE SÃO PAULO. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. São Paulo, SP, 11 maio 1939. p. 10. Disponível em: <<http://bit.ly/n4AnCw>>. Acessado: 7 ago. 2011.

FICHA de Mário Palmério do 1º Ciclo do Colégio Diocesano de Uberaba. Ficha. Datilografado/Manuscrito.

FICHA de Mário Palmério do 2º Ciclo do Colégio Diocesano de Uberaba. Arquivo do Colégio Diocesano. Ficha. Datilografado/Manuscrito.

GINÁSIO “Regina Pacis”. *O Triângulo*, Araguari, 1 jan. 1941a.

GINÁSIO “Regina Pacis”. *O Triângulo*, Araguari, 29 jan. 1941b.

HISTÓRICO da Congregação Mariana de Uberaba. Ata. Manuscrito.

Referências

ARANTES, Geraldo Noel. *Campos de Carvalho: inéditos, dispersos e renegados*. Campinas, 2005. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Unicamp, 2005.

CAIXETA, Donalva. Mário Palmério: uma experiência na Amazônia. *Correio Braziliense*, Brasília, 3 mar. 1970. Caderno 2.

CARVALHO, Campos de. Vila dos Confins. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 12 dez. 1956.

CARVALHO, José Murilo de. Militares e civis: um debate para além da constituinte. In: CAMARGO, Aspásia; DINIZ, Eli (Orgs.). *Continuidade e mudança no Brasil da Nova República*. São Paulo: Vértice, 1989.

CASTRO, Celso. Inventando tradições no exército brasileiro: José Pessoa e a reforma da Escola Militar. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 231-240, 1994.

COUTINHO, Pedro dos Reis. *História dos irmãos maristas em Uberaba*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba; Belo Horizonte: Centro de Estudos Maristas, 2000.

FONSECA, André Azevedo da. *A construção do mito Mário Palmério: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins*. São Paulo: Editora Unesp, 2012a.

FONSECA, André Azevedo da. Eduardo Palmério, um perfil intelectual: humorismo e cultura política nas crônicas da imprensa paulista dos anos 1940. *Intercom*, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo, v. 35, n. 2, dez. 2012b. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442012000200004>.

FONSECA, André Azevedo da. Nos caminhos do pai: influências de Francisco Palmério na formação do escritor Mário Palmério. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 15, n. 29, p. 183-205, 2011.

GODOY, Roberto de. Mário Palmério fala de escolas, ecologia, literatura, passarinhos (nas páginas centrais, seu novo livro). *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 out. 1972. Suplemento Literário.

MENDONÇA, José. *História de Uberaba*. 2 ed. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974.

PALMÉRIO, Mário. Lavoura e Comércio nos bons tempos. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 30 set. 1986e.

PALMÉRIO, Mário. Lavoura e Comercio nos bons tempos. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 9 set. 1986a.

PALMÉRIO, Mário. Lavoura e Comercio nos bons tempos. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 12 set. 1986b.

PALMÉRIO, Mário. Lavoura e Comercio nos bons tempos. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 16 set. 1986c.

PALMÉRIO, Mário. Lavoura e Comercio nos bons tempos. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 23 set. 1986d.

PALMÉRIO, Mário. Lavoura e Comercio nos bons tempos. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 28 out. 1986f.

PALMÉRIO, Mário. Lavoura e Comercio nos bons tempos. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 10 fev. 1987a.

PALMÉRIO, Mário. Lavoura e Comercio nos bons tempos. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 24 fev. 1987b.

PONTES, Hildebrando. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*. 2 ed. Uberaba: ALTM, 1978.

QUINTELLA, Ary. *Mário Palmério em entrevista*. [?] Rio de Janeiro, 11 abr. 1970. Recorte de jornal.

SILVA, Circe Mary Silva da. A faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e a formação de professores de matemática. *Reunião anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação*, 23, 2000, Caxambu. Anais... Associação

Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/pAfXkG>>. Acessado: 7 ago. 2011.

SILVA, Washington Abadio da; GATTI JÚNIOR, Décio. A formação de bons cristãos e virtuosos cidadãos na princesa do sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916). *Cadernos de História da Educação*. Uberlândia, n. 2, p. 159-164, jan./dez. 2003.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1934-1964)*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. *Guardiões da nação: formação profissional, experiências compartilhadas e engajamento político dos generais de 1964*. Porto Alegre, 2006. 336 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – UFRGS, Porto Alegre, 2006.

TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas*. v. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.